



9º UNICULT

A HORA DO ANGELUS

Autor(es)

SILVIA HELENA MACHUCA

Desenvolvimento

A Hora do Angelus

Sei o quanto você é ocupada, Beatriz, por isso não lhe convidei para vir comigo. De mais a mais, você já havia dito com todas as letras que isso não lhe interessava e não faria a menor diferença em sua vida. Mesmo assim, quero lhe contar que estive lá hoje.

Você é tão bem resolvida, Beatriz. Mas eu... Você sabe... Para mim, isso é quase vital.

Todas as tardes, quando ouço a maldita Ave Maria, anunciando a hora do Ângelus – que hora mais triste! –, eu desmorono. Tenho vontade de mudar daqui só para não ouvir mais essa merda sonora em forma de sofrimento que a matriz espalha pela cidade.

Por isso eu tinha que ir, entende?

Não foi nada fácil. Mas isso eu já sabia desde o dia em que concordei com o Carlinhos.

Putz, quando ele me disse, naquela mesa de bar, que poderia me colocar em contato com a verdade, fui tomada por um frenesi. Bebi como um gambá. Vomitei minhas angústias misturadas com a cerveja, e culpei o cheiro de ovo do copo (lembra como fediam aqueles copos do bar do Marcão?). Chorei no ombro do Carlinhos, que eu tinha acabado de conhecer. Foi um carão. Ele me disse depois que me achou um porre, agravado pelo porre da cerveja, claro.

Demorei muito para tomar a decisão. Sabe o que me motivou? Dona Rosário. Encontrei aquela nossa vizinha, mãe da Marilda, lembra? Velhinha, caindo aos pedaços. Mas quando a vi, senti tanta raiva, tanta raiva do que ela fez comigo naquele dia, que tive vontade de bater naquele pedaço carcomido de gente. Ela me contou que está com câncer no intestino, e eu achei bem feito.

Aqueles gritos na nossa casa, o choro, e ela com o rádio ligado, olhando para minha cara assustada, com ares de compaixão, enquanto se divertia por dentro.

Nossa mãe era tão simplória, nem percebia essas coisas. Eu também não. Só depois que cresci, me dei conta dessas maldades. E fiz questão de alimentá-las, de lembrar de cada uma delas. Da Dona Rosário, da tia Rachel.

Lembra, Beatriz, como tia Rachel chegou em casa?

Gente sem compaixão. Gente má, Beatriz, da pior índole. Queria jogar na cara de todos o mal que nos fizeram. Mas havia o risco da verdade estar com eles.

Por isso precisava saber, Beatriz. Para nos vingar. E fui até lá.

Tudo naquele lugar é assustador. O prédio, bom, o prédio você conhece, já passamos por lá um milhão de vezes, mas quando se passa daquela porta para dentro, nossa... Aliás, as portas são tão recorrentes nessa nossa história, não?

Lembra da batida insistente na porta de casa, naquele dia, enquanto almoçávamos? Papai parecia aborrecido. Tinha falado ríspido com mamãe porque achou o suco sem açúcar. Parecia nem perceber nossa presença na mesa. Mamãe correu a atender para que ele não se aborrecesse mais.

Falavam, falavam, lá fora. Alguém parecia aflito. Ele foi até lá. Voltou como quem tem pressa de sair, pegou a chave do carro e nem terminou o almoço. Depois mamãe explicou que tinha rompido a bolsa de uma mulher, essas coisas de grávida, ela falou, precisavam urgente de um táxi, por isso vieram chamar papai.

Mas, voltando ao prédio, Beatriz, aquela aparência de coisa velha, descascada, malcuidada, é muito pior lá dentro. Além de tudo, cheira mal.

Ninguém olha para quem entra, e qualquer coisa que se fale parece irritá-los. Quando perguntei pelo Carlinhos, ninguém respondeu. Insisti, até que uma gorducha feia, com óculos horríveis pendurados no meio do nariz, me informou que ele tinha sido transferido para Pindamonhangaba. Ao perceber meu desconcerto, me perguntou se eu já tinha ouvido falar em Pindamonhangaba. Veja que sarcasmo

barato tem aquela gente, Beatriz! Me senti tão desamparada ali. Mas eu tinha falado com ele há quinze dias. A feiosa me olhou por cima dos óculos, bufando, parecia até que ia me bater. Perguntou o que eu queria. Tão difícil explicar. Tão dolorido, eu ali, em pé num balcão, com aquela gente por perto, sendo interpelada daquele jeito. Nossa, Beatriz, naquela hora queria ser como você nas suas reuniões de negócios, salto alto, tailleur, óculos de grife, unhas bem tratadas, placidez absoluta. Mas eu, tensa como estava, lasquei toda unha que pude.

Lembrei da Tia Rachel. Daquele jeito de falar sempre em tom de acusação.

Quando ela desceu do carro naquele dia, eu, sentada na porta de casa brincando com alguma coisa, boneca talvez, achei que ela estava brava comigo. Gritava. Repetia algo que parecia ser coitado do meu irmão.

Ao passar por mim, não se compadeceu dos meus seis anos. Gritou, como se me acusasse, Rubinho se matou. Coitado do meu irmão. Mamãe aos berros dentro de casa, e eu ali, na soleira, sem entender muito bem o que se passava. Tive vontade de dizer para tia Rachel que ela estava enganada, mas aquela imponência não dava espaço para minha pequenez.

Você já sabe de tudo isso, Beatriz, não sei por que insisto em repetir. É que me lembrei disso por causa daquela mulher na delegacia, tão acusadora, imponente, a versão feia da tia Rachel.

Como naquele dia na soleira da porta, eu ali na delegacia também me senti tão pequena. Ela me interpelava, não me dava fôlego. Quando consegui falar, ela me olhou fulminando, o que é que você quer com um inquérito de 1971, moça? Minha voz não saiu, assim como naquele dia, em que tentava dizer a tia Rachel que papai tinha saído só para levar uma mulher ao hospital, voltava logo. Tinha tanta certeza disso que fui até o quarto ver se a roupa que mamãe havia separado para ele vestir depois do banho estava sobre a cama. Estava. Uma blusa de lã verde, com losangos marrons e uma calça tão bem passada, bem do feitio de mamãe. Queria dizer para tia Rachel que dali a pouco ele voltava, olha a roupa dele separada na cama. Mas a gritaria era tanta... Um emaranhado na cabeça. Nossa mãe chorando alto... Minha voz engasgada...

A gorda feiosa não teve paciência, me mandou esperar do lado de fora, enquanto ia falar com o delegado.

Também naquele dia, me botaram fora do espetáculo. Dona Rosário me levou para a casa dela. Começava a escurecer, lembra, Beatriz?

Eu sentada no sofá e ela com o rádio ligado, ali bem perto de mim. Primeiro, aquela Ave Maria tocando, e no fundo os gritos vindos da nossa casa. Depois o repórter (nessa hora ela aumentou o volume) dando nome, sobrenome, repetindo várias e várias vezes - o taxista foi encontrado morto no carro, com a cabeça caída no volante toda ensanguentada, atravessada por um tiro. Dona Rosário balançava a cabeça, olhando para mim. A maldita Ave Maria tocando, Beatriz!

Eu lembrava disso, quando a gorducha voltou avisando que o inquérito estava com o delegado e ele já iria me atender. Senti acelerar minha pulsação. Naquela hora, não queria estar só. Ao mesmo tempo não queria ninguém. Não queria testemunha do meu nocaute, caso ele acontecesse. Beatriz, você consegue imaginar, depois de 30 anos, o que eu sentia ali, sentada no banco de um corredor, esperando o tal delegado?

Tinham falado tantas coisas. Estariam ali documentadas?

A tia Rachel sempre afirmou que ele se matou. Estava endividado até o pescoço. Tanto peso para carregar nas costas, coitado. Ia perder o táxi. Se desesperou. Alguém falou, não sei quem, que havia uma testemunha. Um menino teria declarado na polícia que ao ouvir o tiro, estava numa árvore, e viu quando uma moça loira de bota preta e um rapaz moreno saíram correndo do carro e entraram no matagal. Alguém também falou que em Santa Bárbara, um taxista tinha sido assassinado pouco tempo depois, por esse mesmo casal. Será que isso de fato existiu, Beatriz? Será que isso foi mesmo dito por alguém? Será que estaria isso no inquérito?

Havia informações (ou boatos, não sei) que alimentavam minha esperança de que tia Rachel estivesse errada.

No velório, lembro que Marta certa hora da madrugada me acordou, me pegou no colo e me levou até o caixão, para que eu visse papai. Por que fizeram essas coisas com a gente, Beatriz? Que prazer mórbido os movia? Lembro de ter perguntado por que ele tinha a cabeça enfaixada daquele jeito. Ela me disse que era porque estava muito machucada pelo tiro. Eu nem sabia exatamente o que era um tiro. Perguntei se ele também tinha machucado as mãos, porque elas estavam enroladas. Ela me disse que tiveram que quebrar os dedos, com um martelo, porque travaram no volante. Chorei muito nessa hora. Me devolveram na cama. Fiquei ali encolhida pelo frio da madrugada, naquele choro fininho, pensando nos dedos de papai sendo quebrados.

Tantas coisas se passaram naquele dia. E nos outros dias que se seguiram. E muitas ainda me perseguem.

Os dedos travados no volante, o testemunho do menino. Sempre quis, e ainda quero acreditar, que não foi papai.

Tadeu me disse que esquecesse o assunto. Falou que no exame detectaram pólvora sob as unhas dele. Mas esse nosso primo mente tanto, você sabe, não dei o menor crédito para essa história.

De qualquer forma, havia de estar tudo ali, naquele inquérito. Por isso me resignei a ficar ali sentada naquele banco, em meio a um corredor sujo.

Quando finalmente, aquele homem engratado veio em minha direção, Beatriz, senti que me faltou o ar.

– A senhora é quem quer consultar o inquérito de Rubens Moura?

Levantei de sobressalto. Mal consegui balançar a cabeça. Ele me disse que o acompanhasse até o balcão. Me estendeu o calhamaço de papel amarelado, preso por uma capa azul já desbotada, onde se lia em letras garrafais “Inquérito Policial”.

Alisei a capa azul. Minhas mãos suavam. Haveria de estar ali a absolvição das nossas culpas. Nunca vou me esquecer do que vovó falou quando, já prestes a sair o enterro, mamãe se abraçou a nós, desesperada. Coitado do meu filho, ela disse nos olhando, não aguentou carregar tanto peso.

Pensei em mamãe, que se foi sem ter a certeza de nada, carregando sua parte de culpa. Talvez tenha feito a escolha certa. A dúvida lhe doía menos. Pela primeira vez, Beatriz, vi alguma sabedoria em mamãe. Alisei novamente o calhamaço que me espreitava do balcão.

Decidi fazer como ela. Saí dali sem nem abrir a capa azul. Entrei no carro, dei partida e fui embora. Deixei o delegado, o inquérito, o prédio horrível, a feiosa grosseira, tudo, tudo para trás. Acelerei o quanto pude. Atravessei a cidade, segui pela estradinha de terra que tanto conhecemos, e parei aqui, bem defronte ao ribeirão onde brincamos em nossa infância tão marcada.

Recuei, Beatriz. Ainda não sei se vou me arrepender ou não. É cedo para avaliar.

A única coisa que consigo pensar agora é que não devíamos ficar tão distantes. Mesmo sendo você tão lúcida e eu tão imatura, temos que aceitar o fato de que fazemos parte da mesma essência. Não se empenhe tanto em me enterrar. Deixe que eu viva para purgar as nossas dores. A não ser você, Beatriz, ninguém sequer suspeita da minha existência.

Ass.: Beatriz